

A representação do povo brasileiro no Jornal Nacional

Lara Linhalis Guimarães*

Iluska Coutinho**

Resumo:

A partir da crença de que a cultura da mídia, nos seus mais diversos produtos, contribui na identificação dos "brasileiros" como membros da família nacional, este artigo propõe reflexões iluminadas pelo seguinte questionamento: como o povo brasileiro é construído discursivamente no Jornal Nacional (JN)? Com base em um estudo teórico interdisciplinar e direcionado nosso olhar pela Análise Crítica do Discurso (ACD), buscamos compreender o discurso telejornalístico dentro de uma relação dialógica entre texto e contexto, analisando as edições do JN veiculadas no período de uma semana.

Palavras-chave: cultura da mídia. telejornalismo. identidade nacional.

Abstract:

From the belief that the culture of the media, in their most diverse products, helps in identifying the "brazilians" as members of the national family, this article proposes reflections from the following question: how the "brazilian people" is built in Jornal Nacional (JN) discourses? Based on a theoretical study interdisciplinary and directed our gaze by the Critical Analysis of Speech (ACD), we understand newscast discourses within a dialogic relationship between text and context, analyzing the the editions of JN displayed in the period from one week.

Keywords: culture of the media. newscast. national identity.

* Lara Linhalis Guimarães é mestranda do Mestrado em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal de Juiz de Fora. (laralinhalis@yahoo.com.br)

** Iluska Coutinho é professora-doutora da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Como pensar a relação entre o JN e o povo brasileiro

A cultura da mídia articula-se cotidianamente com o contexto sócio-histórico no qual está inserida, de forma a legitimar ou contestar ideologias, pensamentos, construções simbólicas, imaginários. Nessa perspectiva poderíamos entender que os textos midiáticos contribuem para a construção do senso de pertença a uma comunidade nacional, bem como são estratégicos na legitimação ou transformação da memória coletiva que integra a identidade de uma nação.

Sendo o telejornalismo, mais propriamente o Jornal Nacional (JN), importante fragmento da cultura da mídia no que diz respeito à informação e ao entretenimento para grande parte da população brasileira, poderíamos estabelecer uma relação mutualística entre os discursos sobre o povo brasileiro e o telejornal global. É com base nessas proposições que se articula a questão de pesquisa investigada nesse artigo: *como o brasileiro é construído discursivamente no JN?* A partir dessa questão central, há uma reflexão teórica interdisciplinar, por meio de autores que trabalham com os pares conceituais “identidade e nação” e “telejornalismo e discurso”.

Da extensa bibliografia disponível sobre a temática depreendemos que o sistema de representação aporte à concepção e exercício de uma nacionalidade, foi por diversos ângulos objeto de estudo de muitos pesquisadores. Então, por que (re)pensar a nação na atualidade? Ou então, por que (re) pensar a relação entre a cultura da mídia, mais especificamente, o jornalismo, e a construção do senso de pertença à nação? Levando em consideração as potencialidades “interinfluentes” da contemporaneidade, bem como o caráter paradoxal de seus desdobramentos, acreditamos ser importante compreender de que maneira as narrativas tradicionais são (re)atualizadas pela mídia na medida em que vivenciamos a aceleração dos fluxos comunicacionais entre sociedades, culturas, nacionalidades.

Questões outras, mais específicas, foram surgindo na medida em que se desenvolveu o estudo teórico: 1) que tipo de estrutura narrativa é utilizada na conformação das reportagens do JN, logo, como aporte à imaginação do povo brasileiro? 2) quais os possíveis porquês em tais imaginações da cultura nacional (marcas ou ausências de todo um contexto produtivo interno e externo condicionante, assim como interdiscursos explícitos e implícitos) 3) quais as

possíveis implicações sociais no sentido de manutenção ou transformação do imaginário sobre a brasilidade?

De acordo com nosso enfoque, os textos midiáticos são compreendidos como produções complexas, que incorporam discursos sociais e políticos, cuja análise e interpretação exigem métodos de leitura capazes de articular sua inserção nas relações sociais em que são criados, veiculados e recebidos. Por isso, a metodologia escolhida a fim de compreender a relação entre o Jornal Nacional e o povo brasileiro, bem como responder as questões apresentadas acima, tem como base a Análise Crítica do Discurso (ACD), tal como proposta por Norman Fairclough. A ACD nos deu instrumental metodológico para ir além da análise textual, em direção ao contexto em que reverberam e são constituídos os discursos veiculados pelo JN (em imagem e texto), tendo como recorte as edições de 07 a 11/01/2008.

Nessa perspectiva, acreditamos que ao estudar a cultura da mídia, da qual o telejornalismo é parte, lançamos também o olhar para a compreensão do universo social no qual estamos imersos, assim como das diferentes identidades a partir das quais somos constituídos. Dessa forma, compreender de que forma são tecidas as mensagens midiáticas é útil se queremos desvendar os diferentes discursos que se entrelaçam em rede, e também via TV, na construção da auto-imagem do brasileiro.

Identidade nacional, cultura da mídia e telejornalismo

Benedict Anderson, em sua reflexão sobre a origem e expansão do Nacionalismo, define a nação como comunidade política imaginada: "É imaginada porque até os membros da mais pequena nação nunca conhecerão, nunca encontrarão e nunca ouvirão falar da maioria dos outros membros dessa mesma nação, mas, ainda assim, na mente de cada um existe a imagem da sua comunhão" (ANDERSON, 2005, p.25). Independente de situações de desigualdade ou exploração, que se proliferam em maior ou menor intensidade no interior de uma nacionalidade, esta é geralmente concebida como uma comunidade "horizontal" e "profunda".

Do diálogo possível entre Anderson e Stuart Hall (2005) - que afirma serem formadas as nacionalidades a partir de um sistema de representação - destaca-se o caráter discursivo da nação, já que há toda uma produção de sentidos com a qual

podemos nos identificar. Como, então, é contada, legitimada e perpetuada a nação? Para Hall, tal empreendimento se dá através de elementos discursivos imersos na literatura, nos ditos populares, na mídia e nos discursos estatais, como a ênfase na tradição, atemporalidade e origem da nação; a difusão de narrativas e de “mitos fundacionais”; e a idéia de um povo puro, original, representante da nacionalidade.

Dado o processo recente de “independência” do Brasil, podemos afirmar que a imaginação da família nacional irrompeu como preocupação de governantes e intelectuais no final do século XIX e início de século passado. Como explicam Reily e Doula (1991), o desenvolvimento de um conceito de povo brasileiro delimitado e unificado passou a ser preocupação nacional no momento em que fomos confrontados com a necessidade de se (re) conhecer como um país independente, logo, como um povo originalmente brasileiro e detentor da alma nacional.

Para autores como Renato Ortiz (1986), Florestan Fernandes (1992) e Luis Rodolfo Vilhena (1997), quando se fala no processo de construção nacional *brasileiro*, não se pode deixar de articular a contribuição dos intelectuais e do Estado. Uns mais ligados a uma noção romântica e essencialista de cultura, outros mais interessados em sua contextualização sócio-histórica, o fato é que os intelectuais foram decisivos aos interesses governamentais ao longo do século XX, no que diz respeito à imaginação da identidade nacional e da “essência” do povo brasileiro.

Estabelecemos no âmbito dessa reflexão algumas categorias que, pela recorrência na rede de estudos e interesses tecida entre intelectuais e Estado, são tomadas como pressupostos na caracterização do “povo brasileiro” e da própria representação da identidade nacional, ainda que imaginada: unidade na diversidade, cordialidade e criatividade (para driblar os problemas e produzir uma cultura “autêntica”). A partir do desvendamento dessas categorias, engendrado por nós em outros momentos teórico-investigativos e também pelos autores aqui lembrados, temos a imagem de um povo que é uno e ao mesmo tempo diverso; que produz uma cultura autêntica; é criativo e por vezes resignado na maneira de lidar com o cotidiano; é cordial e tem um jeitinho tipicamente seu, brasileiro.

Se do imaginário hegemônico sobre a brasilidade fazem parte as categorias mencionadas acima, e, segundo Hall, a mídia é uma das instâncias conformadoras da auto-noção do brasileiro como membro da família nacional, nos perguntamos se

há consonância entre os discursos hegemônicos acerca dos caracteres do povo brasileiro e o recorte discursivo o qual nos propomos a investigar em sua representação da brasilidade.

A investigação desse meandro é parte de nossa pesquisa, porém, antes de nos dedicarmos à observação do que poderíamos chamar de "interdiscursividades", colocamo-nos um questionamento mais amplo: de que forma a cultura da mídia, e mais especificamente o jornalismo, contribui na imaginação de que todos nós, eleitos "brasileiros", pertencemos a uma família nacional? A fim de alcançar essa compreensão, consideramos valiosa a interpretação de Douglas Kellner (2001), de acordo com a qual a cultura midiática é percebida como um terreno de lutas, disputado em seu domínio por grupos sociais importantes e ideologias rivais. Por outro lado, os indivíduos que estão ao menos teoricamente aquém dessa disputa, a vivenciam por meio dos discursos veiculados.

Transitando da cultura da mídia, um domínio geral, para o jornalismo, um domínio específico, a resposta ao questionamento acima recebeu auxílio de Nelson Traquina (2005) e se relaciona à própria construção do campo jornalístico. O estudo desenvolvido por Traquina sobre a atividade sugere que as práticas e idéias que se constituem sob a égide do fazer jornalístico contemporâneo contribuíram para forjar um forte *ethos* profissional, fornecendo modos de ser/estar, de agir, falar e ver o mundo aos profissionais.

De acordo com Traquina a maneira de ver dos jornalistas tem como pressuposto a construção/manutenção do "consenso social", que por sua vez evoca a noção de *unidade* e está interligada à idéia comumente concebida de nação e povo, enquanto totalidades coesas e unificadas. "Esta visão nega quaisquer discrepâncias estruturais mais importantes entre grupos diferenciados, ou entre os próprios mapas diferentes do significado numa sociedade, e ganha assim significado político" (TRAQUINA, 2005, p.86)

No que diz respeito à unidade evocada quando se busca a formação do consenso social, podemos relacioná-la a uma categoria descritiva proposta por Franciscato (2005) a fim de tornar operativos fenômenos temporais envolvidos na atividade jornalística. Trata-se da "simultaneidade", eleita como propulsora na formação de laços de integração e identidade sócio-cultural: um tipo de relação que transcenderia uma simples concomitância de atividades no tempo. Para

Franciscato, "agir simultaneamente" implica um alto grau de articulação ou identificação, sendo o Jornal uma forma cultural que materializou essa idéia ao trazer, além da coincidência cronológica dos conteúdos apresentados, a simultaneidade das práticas de leitura, reflexão e discussão. O que essa relação significou na formação das nacionalidades?

Voltemos a Anderson, citado anteriormente, em sua idéia de nação como *comunidade imaginada*. Em sua concepção, a simultaneidade nas relações sociais foi um dos fatores fundamentais na formação de nações no Ocidente. Sendo a simultaneidade um dos componentes da atividade jornalística, acompanhamos tanto Anderson como Franciscato, na crença de que há uma forte relação entre formação da consciência nacional e desenvolvimento do campo jornalístico.

Assim, esse sentido de simultaneidade se manifesta por uma "vivência comum" e concomitante da informação entre grupos amplos. Pensemos agora na imaginação da comunidade nacional brasileira. Como os meios de comunicação contribuíram na construção da identidade do país? No texto "A televisão brasileira" o estudioso Dominique Wolton (1996) afirma que o fenômeno televisivo no Brasil, pela diversidade dos programas e pelo alcance do sinal nos mais amplos setores sociais, constituiu um poderoso fator de integração social, além de contribuir para valorizar a identidade nacional.

De fato, a Globo coloca-se como uma indústria, um instrumento de modernização e integração a um fator de identidade nacional. Ela é um instrumento de cultura de massa numa sociedade hierarquizada. Se o seu objetivo não é modificar as estruturas sociais, é, pelo menos, saber apreendê-las e acompanhá-las. Aí encontramos de imediato o papel de laço social da televisão (WOLTON, 1996, p.159).

O pesquisador se refere ainda às telenovelas brasileiras como um exemplo "perfeito" do papel de laço social cabível à televisão, já que haveria uma conversa coletiva em torno das temáticas abordadas e uma interatividade na direção dos conteúdos apresentados. E os telejornais, assumiriam também a função de integrar a nação?

Segundo Beatriz Becker, o telejornalismo brasileiro assume papel fundamental na construção simbólica acerca da idéia que temos de coletividade, de comunidade nacional. A pesquisadora observa os discursos telejornalísticos como "(..) territórios

simbólicos, integradores e singulares de experiência coletiva de realidade, de formação e expressão da política, acessível à maioria da população, que refletem e influenciam as construções das identidades nacionais” (BECKER, 2006, p.20).

Dada a credibilidade que o JN alcançou no país, em razão de uma série de motivos sócio-históricos, bem como ao desenvolvimento do padrão global de produção, é plausível dizer que o telejornal contribuiu, desde o seu surgimento, para a construção do senso de pertença a “família” nacional, em que pese a polêmica tese de parceria da Rede Globo com os ideais de integração nacional do Regime Militar, alavancada especialmente via JN.

Observações recentes de João Roberto Marinho, publicadas na Folha de São Paulo no dia 02 de setembro de 2004, podem dar a dimensão da intrincada rede de discursos tecida pela emissora Global em prol da construção ou afirmação de uma identidade nacional coesa e unificada, além da noção de povo brasileiro a essa identidade vinculada. Para o sucessor do mitificado Roberto Marinho, a inauguração da Rede Globo de Televisão foi um passo decisivo na integração de um país de “contornos continentais” e, logo, na tessitura das diversidades culturais em prol de uma toada nacional unificada:

A visão de empresário e o perfeito entendimento que Roberto Marinho tinha de nosso país fizeram com que a construção dessa rede logo fosse calcada nas emissoras locais, num criativo sistema de afiliação. Assim, ao mesmo tempo em que todos se beneficiavam de ganhos de escala, as diferenças regionais, de que os brasileiros se orgulham, estariam respeitadas. Seria a união na diversidade (MARINHO, 2004).

Duas missões são citadas por João Roberto Marinho como primordiais à emissora: levar ao conhecimento dos brasileiros, em tempo real, o que acontece em qualquer lugar do país e retratar todos os Brasis. E completa: “Esse modelo de produção conseguiu duas vitórias: é graças a ele que o Brasil pode ver os Brasis e é graças a ele que o mundo pode ver o Brasil”. Levar conhecimento aos brasileiros sobre os acontecimentos do país e do mundo nos sugerem um objetivo atribuído à atividade jornalística.

Assim, cabe agora levantar as seguintes questões, o que envolverá especular a “qualidade” do laço social tecido pelo JN: *Quem* é o povo brasileiro, evocado no telejornal de maior alcance da Rede Globo? A análise de nosso recorte empírico lança luz sobre essa questão e serve como estímulo a reflexões mais amplas em

direção ao universo sociocultural no qual estamos imersos, composto que está por confrontos ideológicos, mecanismos de manutenção ou transformação de forças hegemônicas, imaginários coletivos nacionais e locais.

O discurso telejornalístico: olhares interdisciplinares sobre a construção do povo brasileiro no Jornal Nacional

Como pensar o discurso telejornalístico na atualidade? O enfoque de pesquisa aqui escolhido nos leva a entender os diferentes discursos através dos quais nosso cotidiano é construído como utilizações da linguagem verbal, oral ou escrita (assim como de outros sistemas semióticos) a partir de um contexto histórico-social específico, perspectiva semelhante à defendida pelo lingüista Norman Fairclough (2001), expoente da corrente chamada Análise Crítica do Discurso (ACD), na qual está baseada a análise do recorte empírico aqui proposto. Segundo ele, "o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado" (FAIRCLOUGH, 2001, p.91).

O esquema de análise proposto por Fairclough é amparado por três dimensões constitutivas do discurso, que devem ser levadas em consideração no momento da análise: *forma lingüística*, *prática discursiva* e *prática social*. A primeira tem como foco os aspectos lingüísticos do discurso, a saber: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual geral. A segunda dimensão considera o fato de que as pessoas, ativamente, produzem e apreendem mensagens com embasamento em procedimentos compartilhados consensualmente. Dessa forma, considera os momentos de produção, distribuição e consumo, bem como as condições da prática discursiva. Em relação ao discurso como prática social - a terceira dimensão -, o autor propõe especialmente trabalhar ideologia e hegemonia, através do desvendamento da matriz social do discurso, das ordens de discurso e de seus efeitos ideológicos e políticos.

O discurso telejornalístico apresenta características que lhes são próprias. De acordo com a proposta apresentada nesse artigo, para entender como o JN contribui na identificação de seu público enquanto unidade pertencente à "pátria", alguns elementos discursivos terão maior ênfase, tendo como base as propostas de Fairclough em diálogo com os pensadores aqui apresentados.

Em relação à primeira dimensão do discurso, nosso foco esteve na estrutura textual geral (os aspectos superiores de planejamento do texto telejornalístico, no que diz respeito ao processo de modelagem entre falante e ouvinte). Nesse momento, tomamos como referência analítica a “dramaturgia do telejornalismo” (COUTINHO, 2003), entendida como a organização da notícia em televisão com base em uma estrutura dramática. Em sua tese de doutorado, Coutinho analisa o discurso noticioso de telejornais brasileiros (Jornal Nacional e Jornal da Cultura) como “drama cotidiano”, o que implica sua estruturação em torno de problemas, ações, disputas e personagens.

No que diz respeito à segunda dimensão do discurso, ou seja, à análise do discurso como prática discursiva, preocupamo-nos em observar as interdiscursividades e as condições da prática discursiva (condições de produção e consumo presumido do discurso). Sobre o primeiro item, observamos principalmente a frequência de discursos hegemônicos sobre a brasilidade. No último item, observamos o jornalismo como um “fazer coletivo”, com base em rotinas e ideais compartilhados consensualmente dentro do campo profissional (inclusive no que diz respeito à imaginação da audiência) e de acordo com o “perfil ideológico” da empresa jornalística.

Ao investigar a análise do discurso como prática social - a terceira dimensão constitutiva-, buscamos vislumbrar a “matriz social do discurso”, ou seja, as estruturas sociais hegemônicas que matizam os textos analisados. Também refletimos sobre os “efeitos ideológicos e políticos”, em termos de sistemas de conhecimento e crença, relações sociais e identidades.

Levando em consideração o fato de serem também as imagens, assim como os sons e os silêncios, “discursos” ou “construções significantes”, em todas as etapas da análise nosso olhar transitou entre texto oralizado, imagens exibidas e músicas utilizadas na composição dos discursos telejornalísticos.

As edições do JN de 07 a 11 de janeiro de 2008 constituem o recorte empírico da análise apresentada nesse artigo. As reportagens “nacionais” constituíram nosso foco, entretanto, em razão da importância dentro do corpo de respostas possíveis, uma reportagem “internacional” envolvendo o governo brasileiro foi incorporada à análise: “Libertadas duas reféns das Farc” (10/01/2008), título que a matéria recebeu no site do JN¹.

Do conjunto de reportagens observadas, algumas impressões sobre como o povo brasileiro é tratado foram gerais. Aspectos como a resignação, o sofrimento (e a maneira particular de lidar com ele), o tratamento do “povo” como vítima (do governo, das empresas, da natureza em fúria, de doenças), a solidariedade e a cordialidade dos brasileiros ficaram em evidência. De um lado o povo, do outro lado, os governantes, ora como instituição inoperante, ora como único agente capaz de resolver problemas e transformar a sociedade. Essas categorias ou características da brasilidade foram observadas e estão organizadas nas reportagens a partir do enlace das três dimensões do discurso de Fairclough.

Em relação à estrutura geral dos textos - ponto focal dentro da análise do discurso como *entidade lingüística* - observamos o que Coutinho denominou “dramaturgia do telejornal”. As reportagens, no geral, estão organizadas a partir da utilização freqüente de personagens (o aposentado, a dona-de-casa, o sertanejo, o motorista, a bordadeira, o feirante) e da apresentação de um conflito, com o qual esses personagens “populares” estão envolvidos. Ora o conflito é resolvido pelo Estado, ora é o Estado o causador do conflito. Como exemplo, a reportagem intitulada “Novas regras para empréstimo” (07/01/2008), que se desenvolve inicialmente da seguinte forma:

O aposentado Carlos Augusto Silva foi, nesta segunda-feira, ao banco em busca de um empréstimo urgente de R\$ 500. Ficou decepcionado. (...)

"Infelizmente sou obrigado a passar um pouco apertado e tirar um pouco do que eu ganho para pagar essas dívidas que eu tenho"(...)

O Ministério da Previdência diz que o consignado foi suspenso, temporariamente, para uma mudança nas regras do empréstimo. O objetivo é atender a uma antiga reivindicação das associações de aposentados: um cartão de crédito com juros baixos.

O personagem – o aposentado Carlos Augusto Silva – é colocado diante de um conflito – a suspensão dos empréstimos consignados. Fica lamentoso e decepcionado, afinal, será “obrigado” a tirar um pouco do que ganha para pagar as dívidas. Em seguida, apresenta-se a solução/explicação do conflito, dada pelo Ministério da Previdência: há uma suspensão temporária dos empréstimos para que seja criado um cartão de crédito com juros baixos para os aposentados. Sem entrar na questão da substituição da notícia pelo conflito, e trazendo para nosso campo de análise, a fala do aposentado, no segundo parágrafo, exemplifica bem o tratamento

geral do brasileiro como "vítima" que consegue dar um jeitinho na situação ("tirar um pouco do que eu ganho"), *dentro* do quadro situacional em que se encontra. Em relação ao discurso sobre o governo, há tanto uma crítica implícita à inoperância do Estado - quando é enfatizada a urgência do empréstimo e o fato de que o aposentado terá que contornar a situação passando "um pouco apertado" - assim como há um tom patriarcal enfatizado na seguinte fala do ministro interino da Previdência: "Para que os aposentados possam entrar neste mercado de crédito, possam comprar parcelado, sem juros, enfim, como um consumidor normal, só que sem as taxas de juros que um cartão de crédito normal cobra".

Além de sofrer, por vezes, com a inoperância do Estado, o povo do JN, no período analisado, sofreu bastante com a "fúria" da natureza. Em matéria intitulada "Temporal abre cratera na BR-101" (09/01/2008) há depoimentos de moradores do norte do ES, região onde uma enorme cratera se abriu no meio do asfalto, acompanhados de imagens em planos médio ou fechado, sendo o elemento humano destacado em seu desconsolo: "Desastre total. Perdemos tudo que tinha dentro", "Embaixo da água, minhas coisas, tudo". No dia seguinte, a continuação da matéria, intitulada "Cratera na BR-101 atrapalha tráfego" (10/01/2008), dá conta de outra faceta do caráter brasileiro, segundo o JN, mesmo não sendo a explicitação dessa faceta o foco da reportagem. A solidariedade para com o outro (brasileiro) e a capacidade de superar as dificuldades e começar de novo, "apesar de tanta tristeza", são tecidas em discursos repetidos a seguir:

(...) Nas cidades atingidas pelo temporal, o dia foi de recomeço. Nas casas, as marcas de água nas paredes passam de dois metros de altura. *Apesar de tanta tristeza*, os moradores dizem que se sentem um pouco aliviados por não terem perdido vidas.

"O importante é a vida de todo mundo que está vivo. No que deu para ajudar, nós ajudamos, apesar de tudo", emocionou-se um morador.

No Brasil do JN, a chuva destrói, mas também traz alegria e esperança para quem precisa dela, como os "sertanejos" do Ceará. Em matéria intitulada "Chuva muda paisagem no Ceará e anima sertanejos" (09/01/2008), a fé, a resignação e a alegria do povo também são evocadas, seja na composição das imagens - o homem em primeiro plano, a paisagem seca em segundo plano - seja ao apresentar, como desfecho da reportagem, um sertanejo cantando em meio a um cenário adverso. A "chave de ouro", outra característica da teledramaturgia, é

antecedida pela seguinte explicação: "O agricultor Raimundo não duvida desta previsão nem abandona a fé. É o incentivo que ele precisa para plantar e compor".

Outro discurso sobre a brasilidade é evocado por diversas vezes no período analisado: a cordialidade do povo. Essa cordialidade não é concebida como traço negativo do caráter, mas como uma legítima "esperteza" dos brasileiros, exercitando a máxima bíblica "é dando que se recebe". Nesse exercício, o governo é aproximado do povo. Relações cordiais são evocadas como uma característica positiva da brasilidade na matéria "Libertadas duas reféns das Farc" (10/01/2008). Segundo indica o texto, toda a negociação de libertação das reféns foi acompanhada pelo governo brasileiro, que comemora o final feliz, já que, segundo o assessor da Presidência da República, "vai suscitar outros tipos de acordos".

Na matéria "Hora de negociar o aluguel" (07/01/2008), a cordialidade do povo brasileiro é quem pode resolver o conflito instaurado. Maria Célia, proprietária de imóvel, explica essa relação: "Tenho certeza que se eu aumentar vai onerar e muito a parte financeira deles. Então prefiro deixar do jeito que está e receber o dinheiro em dia".

Assumindo que há muitos outros olhares possíveis sobre as reportagens analisadas, acreditamos que tais representações do caráter brasileiro estão em concordância com discursos hegemônicos sobre a brasilidade. Esse olhar corresponde à etapa de análise do discurso como *prática discursiva*, na busca das interdiscursividades, a saber, a propriedade que os textos têm de estarem repletos de outros textos. Assim, resignação, solidariedade, alegria e criatividade (atuando o brasileiro *dentro* das condições que se oferecem) são categorias discursivas que fizeram parte do processo de imaginação nacional e estão presentes nas reportagens analisadas.

Ainda dentro da dimensão discursiva, avaliamos que as condições em que o discurso é produzido podem a nosso ver ser observadas a partir da perspectiva de "consenso social", trazida no texto por Traquina, em seu papel de organizar a constelação de idéias da cultura profissional jornalística. Em relação ao que chamamos de "perfil ideológico" da emissora, por uma questão de enfoque investigativo, investimos de prioridade o papel histórico da Rede Globo de Televisão na construção da idéia de povo brasileiro, cuja "missão" aparece implícita ou

explicitamente no material analisado, por meio de uma angulação romantizada e unificada.

As condições em que o discurso é consumido podem, a nosso ver, ser avaliadas a partir do “contrato de leitura” estabelecido entre a emissora e os telespectadores, ou entre o JN e os telespectadores. A credibilidade que a emissora e seu telejornal de destaque alcançaram perante grande parte da população brasileira, materializada em pontos no Ibope, nos leva a acreditar que leituras preferenciais são entronizadas com maior facilidade pelos telespectadores, oferecendo aos discursos Globais ares de verdades. Dessa forma, difunde-se com maior facilidade e autoridade uma certa imaginação da identidade nacional e a própria noção de brasilidade.

No que se refere à dimensão do discurso como *prática social*, mais propriamente à matriz social do discurso, percebemos como estrutura de fundo a rede tecida historicamente em prol da imaginação nacional permeando as mais diversas estruturas e instituições sociais. Ao menos em nível do discurso, atua-se na esfera do consenso, da manutenção da ordem e do estado atual das relações de poder, assim como se procede a legitimação do povo como entidade unificada e naturalizada em seus caracteres.

Nessa direção, caminhamos para os possíveis efeitos ideológicos e políticos do discurso, em termos de sistemas de conhecimento e crença, relações sociais e identidades. Por que razão desmitificar uma idéia unificada e romantizada de “povo brasileiro”? Apesar do apelo emotivo que o mito de um povo afável, resignado e bondoso pode gerar ou da potencialidade dessa construção discursiva em criar um laço social simbólico entre os que se consideram brasileiros, acreditamos que ao não transcender a esfera do consenso, fica obscurecido o vislumbre de como o povo, ou o discurso sobre o povo, pode contribuir na mudança social e no avanço da participação cidadã.

Considerações finais

Acreditamos que o contexto atual é marcado por um ritmo maior de contatos interculturais, sendo múltiplos e paradoxais os efeitos dessa condição. Nesse sentido, nos voltamos ao entendimento de como o telejornalismo, enquanto

fragmento discursivo da cultura da mídia, reatualiza a narrativa da identidade nacional. Mais especificamente, buscamos compreender o papel do JN na imaginação do povo brasileiro.

Assistir ao JN corresponderia ao que Franciscato chamou de “cerimônia de massa”, quando os brasileiros se reconhecem (ou se imaginam) pertencentes a uma comunidade nacional e compartilham, mesmo que apenas em nível simbólico, um sentido de comunhão com anônimos tornados conhecidos imaginariamente.

Com base em um corpo teórico interdisciplinar e na metodologia proposta pela Análise Crítica do Discurso (ACD), pudemos depreender vestígios de idéias sobre a brasilidade marcadas por uma concepção essencialista de identidade. Nesse sentido, ergue-se das reportagens do JN um povo unificado, solidário, criativo e resignado, ora resvalando para a ingenuidade, ora para a cordialidade.

A estrutura narrativa utilizada na conformação do discurso sobre a brasilidade está adequada à concepção de “dramaturgia no telejornal”, principalmente no que diz respeito à utilização de personagens e conflitos. Essa embalagem dramática da informação, ao envolver o espectador tal como envolve uma narrativa ficcional, contribui na reprodução/legitimação de uma história nacional conhecida, baseada em discursos (ações e personagens) solidamente naturalizados, ou seja, já arraigados no imaginário coletivo.

Seríamos mesmo tão unificados em nosso caráter ou temos mesmo uma essência em comum? Para Dona Dilce da Silva, a personagem-costureira da reportagem “Moda gera empregos no Rio” (09/01/2008), a *top model* Gisele Bündchen e ela estão interligadas por uma relação de dependência, por um laço social concreto. Na matéria, Dona Dilce é enfática: “Nós não seríamos nada sem ela, que é uma modelo. E a modelo não seria nada sem nós, que somos as bordadeiras”. É a mesma Dona Dilce que diz, ao final da reportagem: “Verdadeiramente? Eu gostaria de ser uma delas e estar na passarela também”. Por trás de um possível sonho de adolescente, reside a perspectiva de que nem todos os que participam da rede nacional estão satisfeitos com a posição que ocupam. Entre Giseles e Dilces, somos todos bem diferentes, a não ser pela imaginação e narração conjunta de que somos todos iguais.

É interessante destacar que sob as asas da denominação “nacional” circulam situações de subordinação, relações de poder solidamente construídas, desigualdades sociais, preconceitos, conformismos e resistências. Acreditamos que tratar a entidade “povo brasileiro” tal como observado em nosso recorte empírico, torna pouco provável a repercussão em nível de práticas sociais efetivas, reflexivas e perenes. Conceitos esses intrínsecos ao exercício da cidadania, à transformação social, ao repensar atitudes e posicionamentos, ao exercitar novos olhares sobre as identidades culturais imersas na contemporaneidade interinfluyente.

Não se trata de abolir a idéia de nação, mas sim sua construção “unificada”, o que envolveria a retirada do véu romântico que encobre/ envolve o conceito de povo, tratado/ mostrado nas edições do JN como massa uniforme formadora da nação.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Trad. Catarina Mira. Lisboa: Edições 70, 1991.

COUTINHO, Iluska. *Dramaturgia do Telejornalismo Brasileiro: A estrutura narrativa das notícias em televisão*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. São Paulo, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Ed. da UnB, 2001.

FERNANDES, Florestan. *O folclore em questão*. São Paulo: HUCITEC, 1978.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KELLNER, Douglas. *A cultura das mídias – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MARINHO, João Roberto. *A TV não é o problema*. In: Folha de São Paulo. Editoria de Opinião. São Paulo, 02 de setembro de 2004.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

REILY, Sueli Ana, DOULA, Sheila M. (orgs). *Do folclore a cultura popular*. São Paulo: Departamento de Antropologia/FFLCH/USP, 1991.

SILVA, Sandra Rúbia. *Redescobrimo o Brasil com olhos estrangeiros: comunicação intercultural, conflito e representações da alteridade na internet*. Artigo publicado na UNÍrevista, vol. 1, nº 3: julho.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo - Volume II - A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005.

VIZEU, Alfredo Eurico; MOTA, Célia Ladeira; PORCELLO, Flávio A.C. (orgs). *Telejornalismo: a nova praça pública*. Florianópolis: Insular, 2006.

WOLTON, Dominique. *A televisão brasileira*. In: *Elogio do grande público*. Editora Ática, 1996.

Notas

¹ www.jornalnacional.globo.com